



CONFLITO DE INTERESSES

EM NOVOS TEMPOS NA GEOPOLÍTICA MUNDIAL, CONFRONTO ENTRE RÚSSIA E UCRÂNIA REAVIVA DISPUTA DE PODER INICIADA NA GUERRA FRIA, ALÉM DO MEDO DE ARMAS NUCLEARES. ENTENDA A ORIGEM E AS CONSEQUÊNCIAS DO EMBATE

*Soldados russos em tanque no distrito de Volnovakha, em Donetsk, região da Ucrânia controlada por separatistas pró-Rússia.
(Foto: Anadolu Agency/Getty Images)*



Quase quatro décadas após o desastre nuclear de Chernobyl, a Ucrânia enfrenta mais um episódio turbulento de sua história. Até 27 de março, a invasão russa no país, iniciada em 24 de fevereiro, provocou a morte de 1.151 civis, segundo o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos. Mais de 4 milhões de ucranianos já haviam emigrado para buscar refúgio em outros países até o dia 29, de acordo com a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR).

Nos últimos dias de março, em uma nova rodada de negociações na Turquia, o governo de Volodymyr Zelensky declarou aceitar a neutralidade no conflito em troca de um cessar-fogo definitivo, ao passo que as tropas de Vladimir Putin se comprometeram a reduzir os ataques na capital, Kiev, e em Chernihiv, no norte do país. O líder russo também demandou que nacionalistas ucranianos na importante região de Mariupol entregassem suas armas. Enquanto isso, as ofensivas continuaram.

Não é de hoje que ucranianos vivem sob a tensão provocada por guerras e disputas ideológicas — essa é a realidade há séculos por lá. Na Idade Média, o território que hoje constitui o segundo maior país da Europa em extensão foi dominado por poloneses, lituanos

e genoveses. No século 17, já na Era Moderna, a região foi dividida entre os impérios Russo e Austríaco. Apenas no início do século 20, com a dissolução dessas potências após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917, a região teve seus primeiros levantes nacionalistas. Em 1922, tornou-se membro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), permanecendo no bloco até seu fim, em 1991, quando finalmente proclamou sua independência.

Desde então, a Ucrânia se sobressaiu como uma potência energética no Leste da Europa. Rica em recursos como gás, petróleo, carvão e minério de ferro — e localizada em um ponto estratégico do continente europeu —, continuou sendo palco de disputas de poder entre o Oriente e o Ocidente. Com o fim da URSS, o país experimentou alguns anos de paz, e inclusive abdicou de seu arsenal nuclear na década de 1990, a fim de minimizar o risco de desastres e guerras armadas. No início século 21, tornou-se, além de uma potência político-econômica do Leste Europeu, um dos principais pontos turísticos da região, chegando a receber mais de 20 milhões de visitantes por ano entre 2005 e 2013, segundo a Organização Mundial do Turismo.

Mas as praias dos mares Negro e de Azov, lotadas no verão do Hemisfério Norte, começaram a esvaziar em 2014. Em fevereiro daquele ano, o presidente democraticamente eleito Viktor Yanukovich foi deposto após demonstrar aproximação à política do presidente russo, Vladimir Putin, sendo substituído por Petro Poroshenko, governante pró-Ocidente. No mês seguinte, em 18 de março, a Crimeia — importante região militar no sul da Ucrânia e

com população de origem majoritariamente russa — foi anexada à Rússia após definição por voto popular. A perda do território, no entanto, não foi suficiente para submeter o país aos desmandos de Putin e tampouco evitou que o governo ucraniano se aproximasse ainda mais das potências ocidentais.

No final do governo de Poroshenko, em 7 de fevereiro de 2019, o parlamento da Ucrânia, chamado Verkhovna Rada, aprovou emendas na Constituição do país que abrem a possibilidade de a nação ingressar em órgãos europeus, como a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). A decisão não agradou a Putin, que, desde então, tem pressionado o governo ucraniano a desistir dessa aproximação.

Três anos após as emendas constitucionais, no último dia 14 de fevereiro, o porta-voz da presidência ucraniana, Sergii Nykyforov, disse à agência de notícias *Reuters* que o país não desistiria de entrar na Otan. “Este curso não está apenas refletido na Constituição, mas também é do pleno consentimento das autoridades e da sociedade [ucranianas]”, afirmou. Dez dias depois, o presidente russo ordenou a invasão da Ucrânia com forças armadas por terra, céu e mar. “A oposição da Rússia à entrada da Ucrânia na Otan é a questão fulcral que explica a guerra”, afirma Pedro Donizete da Costa Júnior, doutorando em Ciência Política na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Mas para entender por que o país de Dostoiévski se sente ameaçado pela ambição ucraniana, é preciso voltar algumas décadas.



Quase 4 milhões de cidadãos ucranianos já deixaram o país desde o início da guerra, em 24 de fevereiro. A Hungria (foto) está entre os principais destinos dos refugiados. (Foto: Christopher Furlong/Getty Images)

GUERRA E PAZ

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, duas grandes forças econômicas e políticas se avultaram: os Estados Unidos e a União Soviética. Como forma de proteger os territórios e interesses de cada uma das potências e de seus aliados, foram criadas organizações militares que visavam defender mutuamente países-membros em caso de algum ataque. Em 1949, os EUA e mais 11 países europeus assinaram o Tratado do Atlântico Norte, dando origem à Otan. Seis anos mais tarde, foi a vez da URSS assinar o Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua, mais conhecido como Pacto de Varsóvia, e criar sua própria aliança militar.

Membros da Otan e do Pacto de Varsóvia viveram sob constante conflito durante toda a Guerra Fria, até que, em 1º de julho de 1991,

a aliança soviética foi extinta como uma das consequências da dissolução da URSS. A Otan, por outro lado, não foi desmantelada — pelo contrário, se fortaleceu desde sua fundação e hoje conta com 30 estados membros. A sobrevivência dessa organização é considerada uma ameaça por Putin, que tenta impedir a entrada de países vizinhos, historicamente sob influência soviética, no acordo transatlântico. “A presença da Otan na Ucrânia seria muito temerária do ponto de vista do poder [*russo*]”, avalia Costa Jr.

Isso porque, se um dos países-membros da Otan for atacado, todos os outros podem responder à ameaça, uma vez que a aliança consiste na proteção mútua entre os Estados. Para a Rússia, não seria prudente fazer fronteira com um país aliado a essa organização militar criada para combater a extinta URSS. “No limite, a entrada da Ucrânia na Otan significaria quase como se a Rússia passasse a fazer fronteira com os Estados Unidos. E ninguém quer isso”, garante o pesquisador, alertando para os riscos de um possível embate entre os dois países com maior arsenal nuclear no mundo.

Mas o governo ucraniano pensa diferente. Após a destituição do presidente Viktor Yanukovich, político pró-Rússia, dois governantes pró-Occidente e atlantistas assumiram o poder: Petro Poroshenko, que modificou a Constituição ucraniana a fim de facilitar sua entrada na Otan, e o atual presidente, Zelensky, que insistiu na ideia e agora enfrenta a invasão russa. “Para uma Ucrânia que busca cada vez mais se distanciar da histórica influência russa, uma dessas formas de buscar autonomia seria entrar em

organizações europeias e ocidentais”, comenta Gabriel Pessin Adam, professor de Relações Internacionais na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) em Porto Alegre, e especialista na história da URSS e da Rússia. “O grande sonho da Ucrânia é entrar na União Europeia. A Otan é uma ambição mais recente, relacionada aos últimos governos e que agora tem sido apoiada pela maioria da população — ainda que muitos temam a retaliação russa.”

Uma enquete do Instituto Internacional de Sociologia de Kiev realizada em dezembro de 2021 mostra que 59,2% dos ucranianos são a favor do ingresso do país na Otan e 75,7% apoiam a entrada na União Europeia. A taxa de aprovação é maior entre quem vive no Oeste e Centro da Ucrânia (regiões tradicionalmente pró-Occidente), chegando a 69,5%. Já entre aqueles que estão no Sul e no Leste do país, que são étnica e



“Para uma Ucrânia que busca cada vez mais se distanciar da influência russa, uma forma de buscar autonomia seria entrar em organizações europeias”

Gabriel Pessin Adam, professor de Relações Internacionais da ESPM em Porto Alegre

historicamente mais próximos aos russos, a concordância não passa de 42,3%. “Essa questão étnica é muito forte no Leste da Ucrânia, principalmente na região de Donbass, que abrange as autoproclamadas repúblicas populares de Donetsk e Luhansk, hoje dominadas por rebeldes separatistas pró-Rússia”, complementa Adam.

A anexação dessa região, inclusive, é uma das exigências de Putin para acabar com o conflito. À frente da Rússia desde agosto de 1999, revezando-se nos cargos de presidente e primeiro-ministro, o político foi responsável por retomar o status de potência mundial de seu país, que encerrou o século 20 arrasado pela dissolução da URSS, com um exército desmoralizado pelo fracasso na Primeira Guerra da Chechênia (1994-1996) e uma grave crise econômica. Ao longo de seus 22 anos no governo, Putin conseguiu restabelecer a Rússia como uma protagonista internacional, reanexou a Chechênia ao seu território e fez com que o país fosse reconhecido como uma das principais economias emergentes, junto a Brasil, Índia, China e África do Sul, grupo que ficou conhecido como Brics. “Putin tem muita experiência e, nessas duas décadas, ele mais acertou do que errou na arena internacional, visto que conseguiu retomar a projeção da Rússia”, avalia o professor de Relações Internacionais da ESPM.

Mas, como dizia Tio Ben nos quadrinhos do *Homem-Aranha*, com grandes poderes vêm grandes responsabilidades. A depender do resultado da guerra na Ucrânia, que já desestabilizou a economia russa com as sanções internacionais impostas ao país, esse histórico de vitórias pode chegar ao fim e abalar o czar moderno.

CRIME E CASTIGO

Para além das sanções econômicas e o repúdio público do Ocidente e de organizações internacionais, pouco tem sido feito para frear a ofensiva russa na Ucrânia. “As limitações que se tem de punir o comportamento russo demonstram como o país se tornou uma grande potência”, analisa Adam. O respeito (ou temor) à nação russa, no entanto, não se deve apenas ao seu potencial político e econômico,



Crianças ucranianas refugiadas seguram faixas com os dizeres “Pare a guerra” e “Feche o céu” em manifestação em Hamburgo, na Alemanha. (Foto: Georg Wendt/picture alliance via Getty Images)

mas também à iminência de um confronto com o segundo maior exército e com o maior arsenal de armas nucleares do mundo.

Para muitos especialistas, o conflito na Ucrânia é fruto de um erro do Ocidente em querer provocar a Rússia. “O Ocidente, e especialmente os Estados Unidos, são os principais responsáveis pela crise que começou em fevereiro de 2014”, escreveu John J. Mearsheimer, professor de Ciência Política na Universidade de Chicago, nos EUA, e um dos maiores teóricos contemporâneos em Relações Internacionais, em artigo na revista *The Economist*. “Ela agora se transformou em uma guerra que não apenas ameaça destruir a Ucrânia, mas também tem potencial para se transformar em uma guerra nuclear entre a Rússia e a Otan.”

Cientes dos riscos, os membros da Otan não pretendem intervir no conflito tão cedo, apesar de repudiarem a invasão russa. A aliança atlântica negou o pedido de Zelensky de estabelecer uma zona de exclusão aérea (ZEA) no país como forma de proteção aos ataques russos. A ZEA é decretada para evitar ataques aéreos e não permite voos não autorizados sobre determinada região — cabendo ao órgão que monitora a zona abater veículos que desrespeitem essa delimitação. “O pedido de uma zona de exclusão aérea monitorada pela Otan é uma demanda por maior segurança da Ucrânia, mas é também um convite à entrada [da organização] no conflito, pois, se houver alguma aeronave não autorizada sobrevoando a porção de território declarada como ZEA, a coalizão militar poderá abatê-la”, explica Lucas Carlos Lima, professor da Faculdade de Direito



Edifício destruído após um bombardeio russo na área de Vitryani Hory, em Kiev, capital da Ucrânia, no dia 27 de março de 2022. (Foto: Anadolu Agency/Getty Images)

da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e especialista em direito internacional. A recusa, portanto, é condizente com a decisão da aliança militar em não intervir na guerra.

Outro órgão que poderia interceder pela Ucrânia seria o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), mas ele foi vetado pela própria Rússia. Os cinco membros permanentes do Conselho — China, EUA, França, Rússia e Reino Unido — têm direito a vetar propostas discutidas na instância. Em 25 de fevereiro, um dia após a invasão, o país de Putin rapidamente usou seu privilégio para rejeitar um texto redigido pelos Estados Unidos e pela Albânia condenando a ofensiva. Assim, coube à Assembleia Geral classificar a invasão como um ato de agressão e propor punições.

Há também outras entidades capazes de responsabilizar a Rússia pela barbárie na Ucrânia. Segundo Lima, o Tribunal Penal Internacional poderia investigar e julgar crimes de guerra e contra humanidade cometidos no confronto, e a Corte Internacional de Justiça conseguiria impor medidas cautelares para evitar a piora da situação. “A comunidade internacional funciona de forma descentralizada. Logo, é possível vislumbrar diversos órgãos e instituições agindo no conflito”, afirma o professor da UFMG.

E motivos não faltam para punir a ofensiva, que já violou diversos princípios do direito internacional e tratados firmados com outros países. “Só na Carta da ONU, estão presentes o princípio da igualdade soberana dos Estados, a proibição do uso da força, o cumprimento das obrigações internacionais, o dever de resolução pacífica de controvérsias e o princípio da não intervenção”, cita Lima. “Todos esses princípios encontram-se sob ameaça neste momento.” Além disso, há violações de tratados que protegem a vida de civis, como o Direito Internacional Humanitário presente nas Convenções de Genebra, e outros que regulamentam o uso de armas bélicas, como os Acordos de Minsk, que põem fim a conflitos com separatistas, e o Memorando de Budapeste, que visa a proteção do território e a soberania ucraniana após seu desarmamento nuclear.

FIM DO MUNDO

Sem seu arsenal atômico desde a década de 1990, a Ucrânia é um exemplo da importância da extinção de armas nucleares para a manutenção da paz mundial — que hoje se mantém por meio de

convencimentos e ameaças. “Os países que possuem bombas nucleares as usam como meio de persuasão”, analisa Carlos Mariz, presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben). “O equilíbrio é baseado em quem tem mais armas. Se todos estiverem armados, ninguém irá invadir o outro. Mas, de qualquer forma, a escolha ainda está nas mãos dos homens.”

Esse é um risco levantado pelo Relógio do Juízo Final, um mecanismo simbólico criado em 1947 por pesquisadores da *Bulletin of the Atomic Scientists*, organização associada à Universidade de Chicago que avalia as principais ameaças do planeta à humanidade. Em janeiro de 2022, já prevendo a iminência de uma guerra entre Rússia e Ucrânia, o Relógio apontou 100 segundos para o fim do mundo — simbolizado pelo horário da meia-noite. “Por muitos anos, nós e outros alertamos que a maneira mais provável de usar armas nucleares é por meio de uma escalada indesejada ou não intencional de um conflito convencional”, pontuam, em comunicado, os cientistas por trás da iniciativa. “A invasão da Ucrânia pela Rússia deu vida a esse cenário de pesadelo, com o presidente russo, Vladimir Putin, ameaçando elevar os níveis de alerta nuclear e até mesmo o primeiro uso de armas nucleares se a Otan intervir para ajudar a Ucrânia. Essa é a cara dos 100 segundos para a meia-noite.”

Em entrevista à *CNN* concedida no último dia 22 de março, o porta-voz de Vladimir Putin, Dmitry Peskov, não descartou, para temor mundial, a possibilidade da Rússia utilizar armas nucleares: “se é uma ameaça existencial para o nosso país, então pode ser”. Para

evitar esse tipo de conflito, Mariz defende a criação de um acordo internacional a fim de que armas atômicas sejam eliminadas e que haja um controle muito grande sobre elas. “Aqui na América Latina, por exemplo, há a Agência Brasileiro-Argentina de Contabilidade e Controle de Materiais Nucleares (Abacc), responsável por garantir que nem o Brasil nem a Argentina desenvolvam esse tipo de tecnologia”, exemplifica.

E por falar em tecnologia, como se não bastassem as ameaças físicas da guerra, as digitais também estão à espreita. Semanas antes do conflito por terra, céu e mar se desenrolar, hackers — principalmente de origem russa — realizaram uma série de ataques a sites do governo ucraniano a fim de sobrecarregar sistemas de dados e tirá-los do ar. Também houve prejuízos



“Putin reencarna o Grande Espírito Russo, que não só remete à Rússia Soviética do século 20, mas também à Rússia dos séculos 18 e 19; de Catarina, a Grande; da literatura de Dostoiévski e Tolstói”

Pedro da Costa Júnior, doutorando em Ciência Política na USP

aos serviços de internet, que deixaram parte da população sem acesso à rede. O problema nacional veio a público por um tweet do vice-primeiro-ministro ucraniano, Mykhailo Fedorov, que pediu ao bilionário Elon Musk que fornecesse internet para a região com seus satélites Starlink. O empresário sul-africano acatou a ideia, permitindo que milhões de pessoas conseguissem se comunicar com parentes e amigos no país e no exterior — estratégia de informação fundamental para sobreviver aos ataques diários.

Multifacetada, a guerra na Ucrânia agrega muitas novidades para a política mundial, ainda que suas causas estejam ligadas a acontecimentos e disputas ocorridos há décadas. Uma das principais mudanças provocadas (ou aceleradas) pelo conflito é a (re)ascensão de novos protagonistas no cenário geopolítico. “Estamos passando por um momento de transição hegemônica”, avalia Pedro Costa Jr. “A Rússia e, indiscutivelmente, a China — com quem anunciou uma parceria sem limites em fevereiro — podem se tornar as próximas potências do mundo caso continuem demonstrando suas habilidades diplomáticas e liderando setores de produção energética.”

Na visão do especialista em Ciência Política, a atual gana de poder do Kremlin evoca a antiga imagem da Grande Mãe Rússia, uma personificação patriótica do país que acolhe e protege todos aqueles que se identificam como russos. “Putin reencarna o Grande Espírito Russo, que não só remete a essa Rússia Soviética do século 20, mas também à Rússia dos séculos 18 e 19; de Catarina, a Grande; da literatura de Dostoiévski e Tolstói”, avalia.

Nesse sentido, a ofensiva contra a Ucrânia e a tomada de regiões do país com maioria étnica russa não seriam apenas de interesse político e militar — representariam também um resgate do orgulho nacional. Orgulho esse que, assim como a geopolítica, talvez tenha sido reconfigurado no século 21.



Mulher caminha em área de Kiev bombardeada pelas forças russas. (Foto: Anadolu Agency/Getty Images)

UMA GUERRA ANUNCIADA

Conheça os principais episódios que fomentaram o atual conflito entre Rússia e Ucrânia

1991

Em meio ao processo de dissolução da União Soviética, a Ucrânia proclamou sua independência em 24 de agosto de 1991 após um referendo que obteve mais de 90% da aprovação da população. A independência ucraniana foi reconhecida no Natal do mesmo ano, um dia antes do fim oficial da URSS.

1994

Para proteger a soberania e segurança do país e de nações que mantiveram seu arsenal atômico, foi assinado em 5 de dezembro o Memorando de Budapeste, em que Rússia, EUA e Reino Unido garantiram não ameaçar ou usar forças contra a Ucrânia. Também em dezembro de 1994, a Rússia iniciou a Primeira Guerra da Chechênia.

1996

Em agosto, o presidente russo Boris Yeltsin declarou cessar-fogo e retirou seu exército do território checheno, que até então fazia parte da Rússia. A derrota no conflito feriu o orgulho russo e a popularidade de Yeltsin, primeiro presidente eleito após o fim da União Soviética.

1999

Naquele ano, Yeltsin abdicou da presidência, deixando a Rússia nas mãos do então primeiro-ministro Vladimir Putin, que se tornou presidente interino. Em 2000, Putin foi eleito o segundo presidente da Federação Russa, com 52,9% dos votos.

2004

Putin começou seu segundo mandato após receber 71,3% dos votos. Do outro lado da fronteira, o político pró-Rússia Viktor Yanukovich era eleito presidente da Ucrânia. Acusações de fraude eleitoral, no entanto, provocaram protestos que ficaram conhecidos como Revolução Laranja, e novas votações foram convocadas entre os ucranianos.

2005

Em nova eleição, o político Viktor Yushchenko, com seu discurso pró-Occidente, foi escolhido presidente da Ucrânia. Entre as ambições de seu governo já estavam o ingresso na União Europeia e na Otan.

2007

Após a Otan anunciar a intenção de incluir países do Leste Europeu, Putin expressou seu incômodo com a possibilidade de ter a organização próxima de suas fronteiras. Durante seu discurso na Conferência de Segurança de Munique, fez ameaças às nações que tentassem ingressar no órgão.

2008

Um ano após ameaças públicas, a Rússia teve a oportunidade de demonstrar seu poderio militar na Guerra Russo-Georgiana. O conflito também ficou conhecido como Guerra dos Cinco Dias, já que ocorreu entre os dias 8 e 12 de agosto — com a Rússia saindo vitoriosa sobre a Geórgia, que perdeu a Ossétia do Sul.

2010

O líder pró-Moscou Yanukovich foi eleito novamente presidente da Ucrânia. Apesar de conseguir ocupar o cargo desta vez, ele não ficou no poder até o fim do mandato. Ao con-

trário de seu antecessor, acabou distanciando a Ucrânia de organizações como a União Europeia e a Otan.

2014

As decisões pró-Rússia de Yanukovich provocaram, em fevereiro de 2014, sua deposição pelo parlamento ucraniano, que colocou Petro Poroshenko, governante pró-Occidente, no poder. No mês seguinte, um plebiscito popular na Crimeia, de maioria russa, aprovou a anexação da região à Rússia. Mais áreas ligadas ao país de Putin se rebelaram para se tornarem independentes da Ucrânia e, em setembro de 2014, foi determinado o cessar-fogo por meio da assinatura do Protocolo de Minsk.

2019

Antes do fim de seu mandato, Poroshenko fez seu último movimento contra Moscou: modificou a Constituição ucraniana para incluir passagens sobre o desejo e direito da nação em ingressar na UE e na Otan. Mas ele não foi reeleito; quem assumiu a presidência do país foi o comediante Volodymyr Zelensky, também pró-Occidente.

2022

As alterações constitucionais não agradaram a Putin, que passou a tentar coibir o ingresso da Ucrânia em organizações ocidentais. Em fevereiro, após um porta-voz de Zelensky afirmar que o país não abriria mão da medida, o governante russo ordenou a invasão no país vizinho no dia 24. Em um mês de conflito, quase 4 milhões de cidadãos deixaram o país e mais 1 mil civis morreram.

